



e-ISSN 2675-2816

LINGUÍSTICA APLICADA: UM OLHAR NECESSÁRIO PARA O USO DO “GÊNERO NEUTRO” EM LÍNGUA PORTUGUESA

APPLIED LINGUISTICS: A NECESSARY LOOK AT THE USE OF “GENDER-
NEUTRAL LANGUAGE” IN PORTUGUESE

Maria Elizabete do Nascimento Barboza

Graduanda do curso de Letras-Língua Portuguesa, UFAL-Campus do Sertão, Delmiro
Gouveia (AL).
lzabete17@gmail.com

Resumo:

Este texto expõe variados argumentos voltados para a polêmica envolvendo os usos linguísticos inclusivos do “gênero neutro”, reivindicados por pessoas trans não binárias como uma maneira de reconhecimento da existência, respeito e representação através da língua. Busca entender como esses discursos são abordados pelos sujeitos e quais ideologias linguísticas são responsáveis por sustentá-los. Propõe, então, o reconhecimento de quais são os argumentos contra e a favor do uso do “gênero neutro”, tendo em vista a necessidade de perceber posicionamentos mais profundos do que aquele que está apenas posto na superfície do discurso. A observação das práticas reais dos argumentos para problematização da polêmica sobre “gênero neutro” é realizada através de exemplos de discursos orais e escritos, advindos das plataformas digitais: *Youtube* e *Instagram*. Ao longo da análise, foi possível perceber que há pontos semelhantes entre as discussões observadas e importantes para entender melhor o assunto. A reflexão sobre a polêmica que permeia o uso do “gênero neutro” está baseada na perspectiva dos estudos na área da Linguística Aplicada, especificamente pelo que o linguista aplicado Luiz Paulo da Moita Lopes entende ser essa área de estudo, que é por uma noção indisciplinar. Utilizo também contribuições de Marcos Bagno, com seu livro “Objeto língua”. Os estudos esclareceram crenças ideológicas presas no paradigma de identidade de gênero, imposta pela “sociedade” como a única possibilidade válida, a binariedade de gênero. Mas, vimos que *não é bem assim*, pois existem múltiplas outras possibilidades identitárias em contínua (re)construção.

48

Palavras-chave: Polêmica. Gênero neutro. Linguística Aplicada.

Abstract:

This text presents various arguments aimed at the controversy surrounding the inclusive linguistic uses of “gender-neutral language” claimed by non-binary trans people as a way of recognizing existence, respect, and representation through language. It seeks to understand how these discourses are approached by subjects and which linguistic ideologies are responsible for sustaining them. It then proposes the recognition of which are the arguments for and against the use of “gender neutral language,” given the need to perceive deeper positions than what is simply stated in the discourse. The observation of the real practices of the arguments to problematize the controversy over “gender neutral” is carried out through examples of oral and written discourses, coming from the digital platforms: YouTube and Instagram. Throughout the analysis, it was possible to perceive that there are similar points between the discussions observed and important to better understand the subject. The reflection on the controversy surrounding the use of the “gender-neutral language” is based on the perspective of studies in the field of Applied Linguistics, specifically on what applied linguist Luiz Paulo da Moita Lopes understands to be this field of study, which is an interdisciplinary notion. I also use contributions from Marcos Bagno, with his book “Objeto língua” (Object Language). The studies clarified ideological beliefs trapped in the paradigm of gender identity, imposed by “society” as the only valid possibility, the gender binary. However, we have seen that this is not quite the case, as there are multiple other identity possibilities in continuous (re)construction.

Keywords: Controversy. Neutral gender. Applied Linguistics.

Introdução

É bastante comum vermos em publicações em redes sociais, em propagandas e em outros locais, gêneros discursivos com a utilização de palavras como “todes” “todxs” e “tod@s”, com rearranjos linguístico-morfológicos no paradigma gramatical de gênero, como uma maneira de não fazer uma marcação do masculino genérico ou marcação de gênero de modo binário, aquelas que representem apenas ou o masculino e ou o feminino, mas como uma possibilidade de “representar” pessoas que não se reconheçam em nenhum dos gêneros binários.

Em paralelo à situação acima descrita, existe também uma circulação constante de publicações com posicionamentos contrários, e outras a favor, sobre essa forma de marcação do gênero gramatical em imbricamento ao gênero social. Ou seja, grande parcela da população, independentemente da classe social que ocupa, da profissão que exerce e ou do grau de formação que possui, está se manifestando publicamente sobre tais usos linguísticos. Porém, é claro que muitos desses sujeitos acabam fazendo apenas uma consideração simplista sobre o assunto, o que leva outras tantas pessoas a terem uma visão deturpada e, por isso, em sua grande maioria, assumem o lado da recusa e da rejeição, com a argumentação de defesa da língua.

Nesse sentido, não é de hoje que existe uma forte discussão quando se trata do “gênero neutro” em língua portuguesa. Entretanto, atualmente essa polêmica vem ganhando tamanha força que se faz necessário compreender com bastante lucidez algumas questões que a norteiam. Para isso, precisamos nos atentar e refletir sobre essa questão e o quanto ela é crucial quando se fala em respeito à diversidade de gênero social.

Justamente para refletir sobre essa polêmica, no Período Eletivo Excepcional (PLE), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão, cursamos a disciplina regular-obrigatória denominada “Linguística Aplicada”, ministrada pelo professor doutor Ismar Inácio dos Santos Filho. Nesse período remoto, esse componente curricular teve como objetivos nos fazer i) compreender a Linguística Aplicada como uma área indisciplinar de estudos linguístico-discursivos, ii) conhecer conceitos pertinentes ao campo, assim como iii) discutir e problematizar a polêmica relacionada aos usos linguísticos “inclusivos”, especificamente sobre o “gênero neutro”, tomando como base estudos sobre noções de língua e como entender as noções linguísticas que norteiam a polêmica acerca do uso de “gênero neutro” em língua portuguesa, defendidos e/ou rejeitados por vários indivíduos.

Dentre alguns dos estudos, textos e discussões que nos ajudam a pensar e a compreender essa polêmica, temos o Bagno (2019), que discute sobre o “objeto Língua”, Moita Lopes (2013a; 2013b), em sua reflexão acerca do atual cenário geopolítico e sociolinguístico da língua portuguesa, Viscardi (2020), que discute acerca do gênero em português e a polêmica sobre o gênero neutro, e Santos Filho (2020), que fala a respeito da língua enquanto sistema, a partir do pensamento de Saussure, dentre outros estudos.

Da polêmica do “gênero neutro”

Que discursos sobre gênero neutro circulam socialmente? A partir dos estudos realizados na disciplina de “Linguística Aplicada”, foi possível perceber

uma gama de *memes* e comentários nas mídias sociais que levantam argumentos, muitas vezes até ofensivos e preconceituosos, sobre a utilização do gênero neutro, e, dessa maneira, é possível também estudar e refletir criticamente sobre o assunto. A seguir trazemos um exemplo desse tipo de *meme*, retirado de um perfil do *Instagram* denominado **@cvalexandrino**, que a propósito foi bloqueado poucos dias após a publicação desse conteúdo.

Figura 01 - *Meme* contra utilização do “gênero neutro”.



Fonte: Perfil do **cvalexandrino** (2020), disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CHyXsMujx6V/?igshid=1prcqlrlc9wi>. Acesso em 21 de nov. 2020.

Essa publicação é de um perfil criado por indivíduos de uma área das ciências exatas, como é possível perceber no conteúdo textual do primeiro balão. No primeiro quadrinho, tem-se o que parece uma “representação” de um “cientista”, pois o “boneco” está vestindo um jaleco e utilizando luvas, e sua fala expõe que ele foi o criador de um professor de exatas perfeito e capaz de formar alun-o-s – com marcação do masculino genérico – para serem os melhores da área. Na continuação da leitura, ainda é possível ver esse cientista como uma representação do sistema que impõe, ou tenta impor e ditar, regras de como atuar profissionalmente.

No segundo quadrinho, a personagem “cientista” tenta acordar sua criação, chamando-o de “filh-o”, usando novamente a marcação do masculino genérico. Ou seja, o *meme* expressa que o desejo dele é que aquele se encaixe na binaridade de gênero, masculino e feminino. No entanto, quando seu “filh-o” acorda, no terceiro quadrinho, já faz reivindicações para ser chamado de “filh-e”, não se reconhecendo na binaridade que lhes foi imposta. Indo para o último quadrinho, a personagem fala: “Droga, esqueci de colocar o cérebro”. Logo, é possível associar essa fala à visão de uma sociedade preconceituosa, que

desvaloriza o diferente, aqueles sujeitos que não se encaixam nos padrões normativos do masculino e do feminino. Há, nessa última fala, ainda, o sentido de que os sujeitos que pensam e agem de maneira reflexiva sobre meio social, e imprimem lutas, por exemplo, seriam desprovidos de cérebro. E esse discurso também é abordado com palavras diferentes por vários outros indivíduos. Trazemos um outro exemplo mais à frente.

Toda essa polêmica reside no fato de existir, de algumas décadas para cá, uma necessidade de parte da população em utilizar recursos linguísticos como o “-@”, “-x” e ou “-e” para fazer uma marcação de gênero que inclua todos os indivíduos que não se reconhecem dentro do sistema binário de gênero social, especificamente as pessoas trans não binárias, tal como a personagem que no quadrinho reivindica para si o nome de “filh-e”, não “filh-o” ou “filh-a”. Isso se deve ao fato de que, para grande maioria das pessoas, existe marcação de gênero apenas para o masculino e o feminino. Mesmo tendo o conhecimento de que existe o “masculino genérico” em português, como uma (suposta) forma de neutralizar o gênero gramatical, as pessoas trans não binárias têm a necessidade de fazer essa marcação do “gênero neutro”, como uma abordagem comunicativa inclusiva.

E para abordar sobre o assunto, nada mais justo e apropriado que citemos aqui falas do próprio público que diariamente luta por respeito e inclusão no meio social e também através da linguagem. Obtivemos essas falas na mesa redonda intitulada “Uma linguagem para todes”, que ocorreu na 4ª edição do Festival de Literatura POP (FLIPOP), organizado pela Editora Seguinte e transmitida ao vivo em 9 de julho de 2020 através da plataforma digital *YouTube*. Pri Bertucci, participante que se reconhece nos pronomes *ile/dile* ou *ele/dele*, idealizador da marcha do orgulho trans em São Paulo, fala que ao pensar na inclusão da linguagem neutra e inclusiva temos dois segmentos, a possibilidade de ao mesmo tempo que se visa *i)* incluir as pessoas não binárias podermos *ii)* parar de generalizar no masculino em língua portuguesa. Para ela, esse gesto linguístico está para o pensar uma língua não binária, em que seja possível entender, reconhecer e respeitar as identidades das pessoas através da língua.

Ele fala que uma das dificuldades enfrentadas pelo uso da linguagem neutra ocorre no campo jornalístico, que possui manuais e regras a serem seguidas e que, assim, a linguagem neutra “quebra” essas regras. Todavia, para Bertucci (2020), jornalistas precisam compreender muito bem sobre o assunto para que dessa forma possam provocar essa questão, pois é possível transformar os manuais de redação para que sejam mais acessíveis a partir de agora. Pri Bertucci acredita que dessa maneira seria possível alcançar, provocar e despertar a população para esse assunto.

Mais adiante em sua fala Pri Bertucci diz que para além do uso do “-e” podemos mudar nossa maneira de nos posicionar, e, em vez de utilizar “ator/atriz”, utilizar “pessoa atuante”, em vez de “diretor/diretora” dizer “pessoa responsável pela direção”. Assim, muda-se apenas o jeito de falar, sem necessariamente se utilizar do “-e”, já que parece ser bem difícil para as pessoas utilizarem esse morfema gramatical insurgente.

Na mesma discussão, temos Hailey Kass, pessoa que se reconhece no pronome *ela*. É tradutora e escritora trans-feminista. Foi uma das responsáveis pela introdução do transfeminismo no Brasil. Comenta que para além da linguagem neutra, há a possibilidade e necessidade de pensar outras discussões que surgem com essa questão, como o fato de que há muito tempo só se generaliza

em masculino em língua portuguesa, na maioria das vezes, e a possibilidade de repensar o que seria um erro de português, dentre outras possíveis discussões.

Já Koda Gabriel, uma pessoa não binária, bissexual, mineira, escritor e autor do conto “Ela videogames e muito sobre nós”, se reconhece com o pronome ele. Koda problematiza que na área de literatura falta mais representação-participação de pessoas trans escrevendo do ponto de vista de seu campo de pertencimento e sobre ele. Para ele, não é que não haja pessoas trans produzindo no campo da literatura, há sim, porém não com tanta abrangência e número quanto as outras categorias. Mais à frente, ele sugere que uma possibilidade de incluir e reconhecer o público trans não binário nas escolas, academias ou outros ambientes, seria a inclusão da opção de acrescentar nos questionários o nome social da pessoa, que, dessa forma, se sentiria acolhida.

No entanto, noutro sentido, outras pessoas defendem que já existe o gênero neutro em português, a exemplo de Jamilk (2020), professor de língua portuguesa, doutor em Letras e *youtuber*, que afirma que a língua portuguesa já possui o neutro como em “tod-**o**-s”, por exemplo, e que, por isso, não há a necessidade de se utilizar a palavra “tod-**e**-s”, com a marcação do “-e” como um morfema gramatical de gênero neutro, ou em “filh-**e**”, como no quadrinho. Em argumentações, como a de Jamilk (2020), faz-se a defesa da inexistência da marcação de gênero masculino no português, pois somente o gênero feminino seria marcado e que apenas a desinência no feminino, com “-a”, seria o gênero marcado no português. Por este viés, tomam como argumento uma suposta mudança da língua portuguesa que se originou do Latim, e que no Latim existiam três maneiras de marcar o gênero gramatical, quais sejam, o masculino, feminino e o neutro, mas que com o passar do tempo o português associou o neutro ao masculino por uma questão de semelhança gramatical. Logo, o uso de “-o” não seria marcação de masculino, mas sim de gênero neutro.

A argumentação de que pessoas não podem criar regras para formalizar usos linguísticos do cotidiano, a exemplo do uso do “gênero neutro”, foi também utilizada por Jamilk (2020), ao afirmar que demora muito para ocorrer uma mudança na língua e que para isso acontecer gramáticos precisam estudar as regras já existentes para determinada situação gramatical e, a partir delas, deduzir uma nova regra.

Outra afirmação bastante recorrente em Jamilk (2020) é explicitamente a que as pessoas que defendem o uso do gênero neutro não estudaram sobre “gênero gramatical” e não conseguem entender como ele funciona. Seriam “sem cérebro”, como pressuposto no quadrinho pelo cientista? Ele diz que por mais que as pessoas queiram pensar que a língua funciona nesse exclusivamente binário, excluindo outras categorias de “gênero social”, ela não funciona assim, pensando aqui na ideia de que já existe marcação do “gênero neutro” em português. Após ter dado exemplos da variedade de substantivos e como o gênero gramatical se comporta de maneira diferente em cada um, chama a atenção do/a ouvinte-interlocutor/a com algumas frases e sintagmas do tipo “não faz sentido você pensar nisso (gênero neutro)” “Pensa!” “Raciocina comigo”, como se aquele não estivesse “pensando, raciocinando”, ou que seu pensamento e posicionamento sobre o assunto não fossem válidos.

Citando o exemplo de “amigu-**e**”, afirma que se uma pessoa acha que o “-e” é neutro e não representa masculino nem feminino, em oposição ao “-o” e ao “-a”, que socialmente são entendidos como marcação de masculino e feminino,

respectivamente, “elas não têm culpa de pensar assim, isso é falta de conhecimento linguístico”. Mais à frente em sua fala, Jamilk (2020) sustenta: “se você tivesse estudado isso no ensino médio, fundamental, se tivesse prestado atenção na explicação do professor, você já saberia disso”. No entanto, nessa questão não se trata de falta de conhecimento por parte das pessoas. Na verdade, as pessoas mesmo tendo conhecimento sobre o assunto percebem que as novas configurações sociais estão mais plurais e que os usos linguísticos existentes na norma padrão da língua já não são suficientes para representar todos os indivíduos.

Jamilk (2020) ainda questiona se o “-e” em “amigu-e” indica uma forma neutra no substantivo, questionando-se de o porquê também não indicaria neutralidade no pronome (Ele/Ela). Para Jamilk (2020), a proposta de substituir o “-e” pelo “-u” para marcar a neutralidade no pronome de “el-e” para “il-u”, por exemplo, não faz sentido e argumenta que “então o urubu tá lascado”, por ser uma palavra terminada em “u”. Diante do exposto, percebemos que assuntos diferentes, foram abordados como se tratassem de um mesmo aspecto, o que pode confundir as pessoas que tentam entender e argumentar sobre o uso da linguagem neutra, de modo geral, ou sobre o uso do gênero neutro, em particular.

Além dos argumentos contrários ao uso do gênero neutro, de Jamilk (2020), apresentamos alguns que foram abordados durante uma entrevista do *Morning Show*, programa da emissora *Jovem Pan*, exibido de segunda à sexta, às 10 horas da manhã. A referida entrevista ocorreu no programa do dia 12 de novembro de 2020. O assunto abordado foi a polêmica sobre o colégio Liceu no Rio de Janeiro, que publicou comunicado em que diz optar por utilizar o “gênero neutro” em alguns contextos dentro da escola. Paulinha, uma das comentaristas-jornalistas, fala que é bom as pessoas decidirem logo sobre essa questão, pois a língua portuguesa já é difícil e que as pessoas já erram bastante as normas atuais e que se resolverem mudar tudo isso seria complicado para se adaptar. Afirma ainda que a “linguagem neutra” pode até acontecer em contextos informais, mas que colocar “isso” na escola pode ficar um pouco confuso. Entende que a língua formal não deixaria de existir, pois cada uso seria utilizado em contextos adequados. Em sua argumentação, é possível inferirmos que talvez esteja um tanto confusa e com dificuldade para definir seu posicionamento a respeito da linguagem neutra. Seria essa posição a da grande maioria da população brasileira?

Adriles, um outro jornalista, quando questionado se a linguagem neutra é um atentado à língua portuguesa, concorda e diz que é “falta de senso do ridículo” e que seu uso é algo “ignorante”. Traz, assim, o mesmo argumento gramatical normativo de Jamilk (2020), quando afirma que o “-o” marca o “neutro” e que esse neutro deriva do Latim, que tinha a terminação em “-u”, que no português se transformou no “-o”. Para esse jornalista, “não existe essa coisa de machismo na linguagem; é estúpido, é infantil, é idiota”, deixando explícita a agressividade e o desprezo com que encara o uso da linguagem neutra. Falando do caso da escola Liceu, no Rio de Janeiro, diz que esse tipo de situação tem que ser barrada e denunciada e afirma que os pais precisam ficar atentos e retirar seus filhos de escolas com esse posicionamento, porque a escola está ensinando errado.

Já Joel, fala que a intenção por trás do uso de uma linguagem inclusiva é positiva, a de querer acabar com o preconceito que existe na sociedade contra o público LGBTQIA+, mas que existem vários tipos de preconceito no Brasil, defendendo, assim, que o preconceito contra a comunidade LGBTQIA+ não é único.

Nessa linha de raciocínio, afirma que é preciso combater o preconceito, mas com as ferramentas corretas e não através de uma linguagem neutra inclusiva.

Então, tomando como base esse viés, que é o de um pensamento normativo sobre a língua, alguns sujeitos acreditam que não há necessidade de utilizar/defender o uso do “gênero neutro”, porque esse já existiria em língua portuguesa. Sendo assim, não haveria sentido utilizar a marcação “tod-e-s”, como um termo genérico, porque ele já existe na forma “tod-**o**-s”, considerado o “masculino genérico”, que na teoria é utilizado para se referir tanto para o gênero masculino quanto para o feminino. Sendo assim, como bem explica Viscardi (2020b), mesmo em locais com a maioria de público sendo mulher, se houver a presença de apenas um homem, o recomendado pela gramática normativa é que se utilize o masculino, pois ele é considerado o termo genérico para se referir ao público.

Viscardi (2020b) esclarece que o gênero gramatical existe em todas as palavras do português, e que, no entanto, a maneira como o gênero se comporta pode ser diferente para seres animados e/ou seres inanimados. Para essa linguista, palavras que denotem carga pessoal podem ter uma motivação social para designação do gênero, tal como em “menin-**o**”/“menin-**a**”, havendo, assim, uma relação deste referente com no mundo. Explica ainda que o mesmo pode ocorrer com aquelas palavras que apresentem essa oposição do exemplo e possuam motivação com mundo e que o uso do gênero neutro não cabe em todas as palavras, a exemplo das palavras que se referem a seres inanimados, tal como “cabel-**o**”, por exemplo, que, mesmo sendo uma palavra masculina, não implica que haja uma motivação da existência de “cabel-**o**” com o mundo. É importante observar que, nesse caso, o “-o” não é marcador de gênero.

Pela abordagem da gramática normativa, com o uso do masculino genérico, todas as pessoas, homens, mulheres, pessoas trans, entre outros, deveriam se sentir contempladas e representadas com essa linguagem. No entanto, segundo Viscardi (2020a), há algumas décadas isso vem sendo questionado, inclusive em pesquisas, já que o uso do masculino genérico acaba levando as pessoas a pensarem mais o masculino do que o feminino, fazendo parte desse masculino genérico. Nessa discussão, comentando o argumento contrário à linguagem neutra, qual seja, o de que “a violência contra a comunidade LGBTQIA+ não vai acabar com o uso do gênero neutro”, bastante utilizado por indivíduos contrários aos usos linguísticos inclusivos, Viscardi (2020a) esclarece que quando as pessoas reivindicam pelo uso do gênero neutro não estão afirmando que seu uso acabará com a violência contra a comunidade LGBTQIA+. Para essa linguista, essa reivindicação dentro da linguagem é mais uma das formas de busca por espaço e de visibilidade, como acontece em outros contextos. Afirma ainda que a língua é um lugar de disputas, de busca de reafirmação de identidade, mas não o único lugar onde essa discussão é travada.

Percebemos aqui uma certa dicotomia, pois reconhecem que a língua muda, tal como ocorreu essa mudança do Latim para o Português. Entretanto, não reconhecem que talvez já estejamos vivendo uma nova mudança na língua, e que ela se faz emergente diante das necessidades de representar e respeitar a todes, todas e todos por igual, cada um com suas diferenças. Diante das grandes mudanças e conflitos dos mais variados, como o que estamos vivendo no meio social, são necessários estudos e pesquisas que possibilitem compreendermos o mundo em que vivemos. A Linguística Aplicada, como campo de saber nos estudos

em linguagem, muito contribui com relevantes estudos envolvendo outras áreas do conhecimento, que nos ajudam a compreender as novas configurações e necessidades sociais, e, dessa forma, analisar e compreender os usos linguísticos em questão, conforme já pontuamos anteriormente. Na sequência, abordamos a LA e sua noção de língua e as contribuições para compreendermos os usos da linguagem neutra, do gênero neutro.

Linguística Aplicada e uma noção de língua insurgente

A Linguística Aplicada, como o próprio nome já sugere, estuda a linguagem dentro de um contexto específico. Assim, essa área de saber não está preocupada em fazer generalizações, mas sim delimitar um contexto específico no qual se possa estudar e verificar como a linguagem está funcionando naquele espaço-tempo, bem como, a partir de estudos de outras áreas fora da LA, compreender as novas configurações sociais e como tais aspectos estão imbricados à língua(gem). Nesse sentido, os estudos do linguista aplicado Luiz Paulo da Moita Lopes, professor na UFRJ, nos ajudam a entender essa questão. Moita Lopes (2013a) nos traz o conceito de “Linguística Aplicada Indisciplinar”, que é para ele uma linguística que não se prende a uma disciplina, não tendo caráter disciplinar, por isso “indisciplinar”, configurando-se, portanto, como uma área “mestiça”, que continua se transformando, atravessando fronteiras disciplinares e não ficando presa aos cânones. Moita Lopes (2013a) afirma que a inovação é algo crucial na pesquisa, e que, por isso, precisamos andar nessa direção, pois este é o lugar de uma Linguística Aplicada Indisciplinar.

No início de sua palestra, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8&t=358s>, Moita Lopes (2013a) comenta sobre as críticas vindas de várias pessoas, direcionadas a seu livro intitulado “**Por uma linguística aplicada indisciplinar**”, pois, segundo ele, muitos afirmam que o que ele faz/aborda no livro é sociologia, ou, como outros dizem, é linguística e outros ainda falam que é sociolinguística. Ele responde a esses comentários e argumenta que seu livro não tem o propósito de afirmar que existe uma única maneira de se fazer Linguística Aplicada, pois existem várias maneiras e que, nessa variedade, cabe buscar contribuições em outras áreas, como na sociologia, por exemplo. Desse modo, Moita Lopes (2013a) reconhece a importância dos estudos em Linguística Aplicada não se limitarem somente a uma abordagem dentro da Linguística, como o elemento teórico de estudo da linguagem no mundo atual, visto que a compreensão necessita vir de outras áreas do conhecimento, que possam fornecer visões sobre as novas configurações sociais, diversidade identitária, entre outros tantos discursos emergentes.

Ao longo de sua palestra, Moita Lopes (2013a) traz alguns exemplos de estudos, realizados por ele dentro da Linguística Aplicada, que demonstram, pelos títulos a necessidade de buscar compreensões sobre algumas questões em outras áreas: “Como ser homem heterossexual e branco na escola: posicionamentos interacionais múltiplos?”, “A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual no jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade” e “Falta homem até para homem: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático”. Diante destes exemplos, Moita Lopes (2013a) afirma que estamos no domínio dos tópicos inimagináveis e indisciplinados. Isso significa dizer que estudos como estes são inesperados pela grande maioria da

população e podem causar estranhamento. Porém, podem provocar uma maneira que leve as pessoas a pensarem em coisas antes impensáveis.

Mais à frente, ao citar Boaventura de Sousa Santos, Moita Lopes (2013a) aborda sobre a importância da teorização na prática, pois ao se prestigiar discursos emergentes é possível trazer para investigação tópicos diversos, tais como as novas formas de existir sexualmente, as novas organizações familiares e outras compreensões raciais diferentes, dentre outros discursos emergentes possíveis. Nesse sentido, a vida teoriza-se a si mesma, por não existir teorização anterior para lidar com esses discursos. Sendo assim, a Linguística Aplicada lida com um modo de produção de conhecimento baseado nas margens.

Para Moita Lopes (2013a), pensar em hibridizade interessa politicamente para pôr um fim ao ideal fundamentalista e essencialista da pureza que acompanha a sociedade até hoje, pois, para ele, essa visão fundamentalista e essencialista é responsável por muitos dos sofrimentos e problemas vividos e que ainda vivemos, como também de epistemologias que não respondem ao modo como o mundo está sendo organizado. Ele enfatiza a palavra “essencialista”, porque, segundo argumenta, implica no pavor das impurezas em todos os níveis, da epistemologia à vida social. Está falando, então, de uma visão de linguagem modernista, que, segundo Moita Lopes (2013a), está por trás de concepções sobre sociedade, política, natureza e ciência, todas elas relacionadas ao ideal fundamentalista e essencialista. Ou seja, trata-se de concepções que estão entrelaçadas a regras conservadoras e de pureza para os vários campos citados acima, que são uma base forte para sustentar tais princípios na língua.

Para esse linguista aplicado, essas concepções funcionaram e funcionam para manter as desigualdades de classe, social, de raça, de gênero e outras em seus devidos lugares, por meio do ideal de língua pura, neutra, transparente e representacional. Segundo Moita Lopes (2013b), os estudos linguísticos modernistas possuem um ideal de produzir uma língua pura, a qual poderia ser utilizada por um estado-nação. Pensando nesse aspecto, é válido trazer Bagno (2019), quando diz no Prefácio do seu livro “Objeto língua” que ao assumir uma teoria sobre a língua assumimos também um discurso sobre ela, e tal discurso está carregado de crenças e ideologias do teorizador.

Para ampliar essa discussão, retomando algo dito anteriormente quanto aos discursos emergentes e a importância de teorizá-los, podemos pensar que abordando esses discursos estaríamos também teorizando o sujeito social através das práticas linguísticas em circulação nas diversas modalidades, tendo em vista que as construções identitárias de gênero estão cada vez mais heterogêneas. Moita Lopes (2013b) chama atenção para a necessidade de investigar as ideologias linguísticas presentes nos discursos em que performances identitárias estão em contínua ação em um mundo construído por um intenso fluxo de textos, pessoas língua e outros, refletindo assim acerca das barreiras enfrentadas para conseguirmos visibilidade e respeito. Mas, estudar sobre esse assunto não significa que outros conceitos serão postos como elementos sólidos e imutáveis. O que se propõe é que à medida que as mudanças ocorram possamos perceber e ao mesmo tempo moldarmos o que já está construído para abarcar, dar lugar e voz às novas possibilidades que surgirem.

Já no texto intitulado, “Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural”, do seu livro “Português no século XXI: cenário geopolítico e

sociolinguístico”, Moita Lopes (2013b) nos traz a metáfora do rizoma para explicar o funcionamento da língua, na qual podemos pensar as línguas como uma trama instável, que ganha vida a partir do momento que as pessoas são levadas em consideração, subjetiva e historicamente, em suas múltiplas práticas sociais. Mais à frente, Moita Lopes (2013b) afirma que vai teorizar o português de modo a contemplar as novas gerações de falantes, escritores etc.

Moita Lopes (2013b) traz para contribuir com sua teorização vários autores de outras áreas, sendo um deles o sociólogo Zygmunt Bauman (1992), que aborda o pensamento de que as sociedades estão cada vez mais fluidas e contingentes e que nossas ações no mundo levam a entender como moldamos a sociedade. Discute o conceito de “estado-nação”, que é visto como “comunidade imaginada”, por Anderson (1983). Moita Lopes (2013b), a partir desse conceito, pensa também no conceito de “subcomunidades”, que são igualmente levadas a padronizações e essencializações em categorias de determinada maneira generalizável: os homens, as mulheres, os homossexuais. Para ele, esse tipo de posicionamento ainda opera a partir de um ideal de língua pura, para uma “comunidade imaginada” de estado-nação, sendo assim inadequado para dar conta do gênero e da sexualidade tal como vêm se configurando na sociedade. Para Moita Lopes (2013a), o ideal fundamentalista e assistencialista da língua, falado anteriormente, é utilizado como base para sustentar discursos de ódio e, assim, também como recusa a uma “linguagem neutra”. Por ele, é preciso quebrar com esse ideal de uma língua pura e homogênea, e se posicionar nas margens escapando do tradicional. Pensando no que já foi discutido até aqui, entendemos com Bagno (2019) que estamos diante de “guerras ideológicas”, disfarçadas de disputas teóricas, pois, segundo ele, ao assumir uma teoria, os sujeitos a sustentam em crenças, ideologias e modos de ver o mundo.

Para demonstrar melhor as discussões colocadas até aqui, a partir dos estudos de Moita Lopes (2013a; 2013b) e Bagno (2019), utilizamos como exemplo o *meme* da página do *Instagram* do **@cvalexandrino**, quando a personagem reivindica ser chamada de “filh-e” e seu criador prontamente rejeita esse pedido, sob o argumento de ter esquecido de colocar um “cérebro” na sua criação. Percebemos, então, que implicitamente a argumentação é a defesa de um ideal de língua pura, como também de uma purificação identitária. Mas, é impossível dissociar a língua dos sujeitos, de sua(s) identidade(s).

Nesse aspecto, e refletindo um pouco sobre o argumento utilizado por Jamilk (2020), que aborda o uso gênero neutro como algo errado, perante às normas, por estar filiado à gramática normativa, esse também se encaixa na perspectiva um discurso de recusa de uma linguagem inclusiva e defesa do ideal de pureza linguística e identitária. Logo, é cabível fazer dialogar esse posicionamento com o de Bagno (2019), a respeito do erro em português. Ele explica que a sociolinguística trabalha com conceitos como os de “variação” e “mudança”, porque reconhece que as línguas variam dentro do espaço geográfico e social, e que as línguas mudam com o passar do tempo. Ou seja, as pessoas falam de modos diferentes em cada região e em cada classe social. Explica ainda que, quando se propõe a uma “reforma” da norma-padrão tradicional, é porque aquela forma inovadora, “ou erro de português”, já alcançou a fala e escrita das camadas urbanas letradas e está enraizada na coletividade.

Dessa maneira, é sim possível que “formas inovadoras” ou “rearranjos morfológicos” possam ser incorporados pela norma culta. Diante disso, podemos

afirmar que os usos linguísticos inclusivos do “gênero neutro” podem ser considerados formas inovadoras, e dessa maneira poderiam ser incluídos também na norma culta, ao contrário do que Jamilk (2020) argumenta.

Bagno (2019) problematiza ainda como essas formas inovadoras não chegam à norma culta, quando afirma que alguns usos linguísticos provenientes das camadas mais baixas jamais ultrapassam a barreira das classes e não “sobem na vida”, ou sejam não são incorporadas pela norma culta. Ele cita exemplos do tipo “grobo”, “pranta”, “trabaiá”, “muié” ou “nós fala”, “você fala”, “eles fala”. No entanto, segundo Bagno (2019), isso também pode mudar com o tempo, exemplificando o uso “pra mim fazer”, que cada vez mais aparece na fala das camadas altamente letradas. Para ampliar a discussão, Bagno (2019) traz a dúvida de uma leitora, que o questiona sobre se esse projeto de apenas incorporar no padrão o que já é aceito pelas camadas letradas não seria também uma forma de elitismo, ao desconsiderar usos das outras camadas sociais. Para responder a esse questionamento, Bagno (2019) busca a explicação trazida em 2011 pelo linguista Carlos Alberto Faraco, concordando com ele que ao defendermos uma norma culta que inclua só usos linguísticos já aceitos e enraizados nas camadas urbanas letradas, estamos aceitando a “hierarquização das normas”. Exemplifica da seguinte maneira: dizer “deixa eu entrar” não é problema por ser “norma culta” empregada pela gente “cultura”, enquanto “as pessoa só qué trabaiá em paz” não deve ser aceito por sofrer rejeição. Diante desse pensamento, Bagno (2019) questiona quem é essa sociedade que rejeita usos do tipo “as pessoa só qué trabaiá em paz”. Afirma que essa rejeição vem de uma mínima parcela da sociedade que ocupa as camadas mais altas da elite socioeconômica e que tem acesso a uma boa escolarização.

Bagno (2019) também reconhece que essas reformas e inclusões de usos linguísticos inovadores na norma culta não resultou em nenhuma ruptura com a ordem social. Se posiciona de uma maneira diferente e problematiza que é visível a luta e conquistas obtidas com muito esforço por vários grupos de pessoas, “pelos mulheres, pelas pessoas negras, pelas pessoas que vivem nas periferias pobres e violentas das cidades, pelas pessoas que se opõem à heteronormatividade sexual São essas pessoas que representam a maioria da população existente no Brasil”. A visibilidade desses grupos é alcançada através da maneira que se expressam, com seus modos próprios de falar, que são o elemento mais importante para afirmação de suas múltiplas identidades, que estão em contínua construção.

Nesse aspecto, entendemos que praticar os usos linguísticos inclusivos quanto ao gênero neutro se configura como uma maneira de dar visibilidade social e voz para as pessoas que foram silenciadas, tornando-se invisíveis, e que ainda são. Bagno (2019) reforça isso ao dizer: “Se recusar a ‘adequar’ sua linguagem ao que uma restrita parcela da sociedade exige e espera é mais uma frente de batalha na guerra pela liberdade de existir, pela ocupação dos lugares sociais que são delas e deles de direito e que sempre lhes têm sido negados”. Diante do que foi exposto, acreditamos que mais do que nunca precisamos reafirmar nosso lugar, nossa existência no meio social através da língua. E enquanto aos usos inclusivos do “gênero neutro” não são incluídos na “norma-culta”, é preciso continuar resistindo e tomando posse desse modo de falar, que representa toda uma pluralidade, para lutar por espaço e direitos e reafirmar existências de pessoas.

Considerações

Para fechar essa discussão, que é ampla, é importante ressaltar que a reivindicação pela utilização do gênero neutro não significa que as outras formas de marcar o gênero desapareçam. Diferentemente, o feminino e masculino continuarão coexistindo com o gênero neutro. Dessa forma, será possível representar com maior abrangência a diversidade de gêneros que existem na sociedade, porque somente a categoria binária não é suficiente para suprir a necessidade existente em nossa sociedade tão diversa.

Logo, ressaltamos que para além da utilização do “gênero neutro” é necessária uma iniciativa de mudança de postura e pensamento, por parte de quem deseja utilizar outros marcadores, que não apenas o masculino genérico ou na perspectiva binária, ao se referir ou dialogar com uma pessoa trans não binária. Assim, é necessário um esforço para compreender o porquê de usar o “gênero neutro” e, à medida que fizer uso dele, lembrar que é um ato de respeito para com outra pessoa, uma maneira de reconhecer que essa pessoa existe no mundo e está sendo ouvida por você.

Lembramos também que a língua portuguesa fornece múltiplas maneira de se dizer a mesma coisa, com termos diferentes, nesse caso com abordagem e ponto de vista também diferentes. Se você não se sente confortável ainda para fazer uso do “gênero neutro”, não tem problemas em utilizar outras maneiras de não generalizar e assim respeitar o outro da mesma forma. Mas, é muito importante exercitar diariamente, refletindo sobre essas outras e várias possibilidades de identidades de gênero, e da importância de reconhecer e respeitar e como respeitar. Chegará um dia que perceberá o quanto o “gênero neutro” pode ajudar nesse processo, de quebrar com os paradigmas de gênero que a “sociedade” nos impõe. Usemos todes o gênero neutro.

Referências

BAGNO, Marcos. **Objeto língua**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019;

CVALEXANDRINO. **Concordam?**. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHyXsMujx6V/?igshid=1prcqtlrlc9wi>. Acesso em: 21 nov. 2020;

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **II Ciclo de Diálogos em Linguística Aplicada - Instituto de Estudos da Linguagem - IEL - UNICAMP**, 2013^a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8>. Acesso em: 10 novembro 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013b.

SEGUINTE, Editora: **Uma linguagem para todes**. 2020. (1h01m50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ERLrqGY-3jU>. Acesso em: 28 dezembro 2020;

SHOW, Morning. Querides alunes: colégio no RJ causa polêmica com circular sobre linguagem neutra. 2020. (20m20s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xZm8WDU3DCk>. Acesso em: 23 dezembro 2020;

VISCADI, Jana: **3 perguntas sobre gênero em português**. 2020a. (13m42s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bJWaU3dL9GU&t=185s>. Acesso em: 30 dezembro 2020;

VISCARDI, Jana. **8 polêmicas sobre gênero neutro na língua**. 2020b. (20m24s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TMNBbsV8LKc&t=41s>. Acesso em: 23 dezembro 2020;

Delmiro Gouveia (AL), 30 de dezembro de 2020.